



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CLARISSE GOMES LEAL

**MORTE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A FINITUDE HUMANA NA
PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE COMO INSTRUMENTO PARA UMA
EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS**

CARUARU

2023

CLARISSE GOMES LEAL

**MORTE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A FINITUDE HUMANA NA
PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE COMO INSTRUMENTO PARA UMA
EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo
científico, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação, filosofia da
educação e sociologia da educação

Orientador: Nelio Vieira de Melo

CARUARU

2023

MORTE E EDUCAÇÃO: Um estudo sobre a finitude humana na perspectiva da complexidade como instrumento para uma educação integral dos sujeitos.

Clarisse Gomes Leal¹

RESUMO: Neste texto abordamos os conceitos de morte e finitude humana explorando seu potencial formativo na educação integral dos sujeitos. Tratamos a partir de uma investigação exploratória bibliográfica partindo de autores que nos aproximam da temática da educação para a morte, sobretudo pela aproximação com a obra de Edgar Morin a partir da teoria da complexidade como meio para a construção de sujeitos da educação que sejam reflexivos, compassivos e acolhedores da dor do outro. Tomamos a hermenêutica filosófica como caminho de interpretação e iniciamos buscando fazer uma análise da presença dessa temática dentro do contexto histórico, social e filosófico da educação escolar, em seguida procuramos desenvolver a partir da teoria da complexidade uma compreensão sobre a finitude humana, além de analisarmos o potencial educativo da temática de morte no processo de formação dos sujeitos. A partir desse estudo, reconhecemos o potencial educativo da finitude humana reconhecendo a presença de tabus acerca da temática de morte e entendendo que não somos ensinados a pensar sobre a finitude humana. Destacamos que para que haja de fato uma educação reflexiva que contribua com a formação dos sujeitos e que compreenda a condição humana, faz-se necessário repensar a educação e suas práticas.

Palavras chave: Educação para a Morte, Finitude Humana, Teoria da Complexidade, Condição Humana.

DATA DE APROVAÇÃO: 05 de maio de 2023

1- INTRODUÇÃO

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – CAA. Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Prof. Dr. Nelio Vieira de Melo.
E-mail: clarisse.lealleal@gmail.com

Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrado em uma segurança burocrática; todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data. Cada um deve estar plenamente consciente de participar da aventura da humanidade, que se lançou no desconhecido em velocidade, de agora em diante, acelerada. (MORIN, 2003. p. 63)

O interesse de trazer o conceito de morte e sua relação com a educação como objeto de estudo surgiu a partir de experiências vivenciadas durante a trajetória acadêmica e para além disso a partir de questionamentos manifestados durante toda vida sobretudo no início da vida escolar.

É possível perceber que ao longo da vida vamos perdendo pessoas próximas, familiares e amigos, mas não se reflete muito o porquê de não nos sentirmos confortáveis para falar sobre morte no campo da vida escolar. Durante os anos iniciais do Ensino Fundamental falar sobre a finitude dos sujeitos era considerado um tabu. Não havia na sala de aula espaço de reflexão para isso, embora alunos e professores, estivessem o tempo inteiro tendo de lidar com momentos de perda e de luto em muitos episódios de suas vidas. Em retrospectiva, não recordamos nenhum momento de partilha das angústias causadas pela morte no ambiente escolar.

Ao ingressar no ensino superior, no curso de licenciatura em Pedagogia, no componente curricular de Fundamentos Filosóficos da Educação², tivemos acesso ao acervo bibliográfico da disciplina. Conhecendo autores como Kubler-Ross, Zeljko Loparic, Maria Júlia Kóvacs e Edgar Morin que trabalham com o conceito da finitude humana sob diversos aspectos. Nos aproximamos de uma temática denominada Educação Para a Morte, que se trata de um estudo focado no desenvolvimento pessoal dos sujeitos de maneira mais integral, considerando que a escola se coloca enquanto um espaço de preparação para o meio social, mas que pode preparar também para a morte e o morrer. Nesse sentido, essa educação envolve situações-limite que permitem compreender o ser como finito considerando que durante a vida estamos expostos a momentos de perda de pessoas, sofrimento, doenças em diversos momentos e devemos estar cientes e preparados para essas situações. (KOVÁCS, 2005). A partir disso e das experiências vivenciadas anteriormente os conceitos de morte e finitude relacionados ao processo educativo começaram a despertar muito interesse e nos instigaram outros estudos.

No decorrer do curso sempre permaneceu a identificação acerca da temática da educação para a morte, principalmente associada ao olhar da complexidade que segundo Edgar

² Componente curricular cursado no 2º período do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - CAA, no ano de 2018. Ministrado pelo professor Nélio Vieira de Melo.

Morin (2005), trata-se de um conceito que considera os fenômenos estudados de maneira multidimensional levando em conta a incerteza.

De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões: assim como acabei de dizer, não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. (MORIN, 2005. p. 177)

Desse modo, compreendemos que a problemática da finitude humana na perspectiva da complexidade se torna um princípio norteador do estudo da educação para a morte como parte da educação de um sujeito para a vida. A escola não pode ser ausente desse importante aspecto da formação humana.

Um último fator a ser considerado, no contexto recente da pandemia da Covid-19, mesmo com a pluralidade de estudos sobre a vulnerabilidade humana diante de um inimigo quase invisível, a temática da morte não se fez muito presente na vida escolar. Entendemos que o isolamento social também foi um dos empecilhos, mas momentos de incerteza como os que vivenciamos dentro do contexto da pandemia podem possibilitar oportunidades de reflexão dentro do campo da escola acerca do destino dos sujeitos enquanto seres finitos. “A escola atual não pode mais continuar a se omitir de refletir sobre a condição humana e a identidade terrena: estes são saberes necessários à educação do século XXI para formar cidadãos capazes de compreender e enfrentar os problemas de seu tempo.” (MARTINAZZO, 2010. p. 62)

O tabu criado no que diz respeito à morte e de como explicá-la dentro do ambiente da escola, nos impulsiona na busca de novos estudos que nos apontem para além da naturalização da morte. Não basta entender a morte como processo que faz parte da condição humana, é necessário que os sujeitos da educação sejam reflexivos, compassivos e acolhedores da dor do outro em vista de uma sociedade solidária e eticamente responsáveis uns por outros.

A partir dessa perspectiva surge o questionamento: Como entender a finitude humana de modo que possa contribuir para uma educação integral dos sujeitos da educação? Para atingir as metas da pesquisa tomaremos a teoria da complexidade, e dentro dela, as concepções sobre a finitude e a morte, como um dos problemas sócio-históricos, antropológicos e filosóficos da finitude humana pouco abordada pela educação escolar e necessária para entender a educação como prática pedagógica reflexiva. Desse modo, temos como objetivo geral: Interpretar de que maneira a finitude humana pode contribuir para uma educação integral dos sujeitos da educação, os objetivos específicos que buscamos atingir são: 1) Desenvolver uma compreensão

sobre a finitude humana, e dentro dela o problema da morte, a partir da teoria da complexidade. 2) Situar como essa problemática está presente nos contextos histórico, social, antropológico e filosófico da educação, especialmente na educação escolar. 3) Compreender a finitude humana e a morte enquanto elementos constitutivos da formação humana na educação reflexiva.

A nossa pesquisa é de investigação exploratória bibliográfica, uma vez que essa problemática ainda se mostra pouco desenvolvida no âmbito das instituições de pesquisa educacional do nosso país. Por um lado, a investigação contempla autores e autoras que oferecem as possibilidades de estudo sobre a educação para a morte e, por outro, permite a busca de aproximação com a obra de Edgar Morin, fazendo com que a investigação exploratória e descritiva tome um itinerário explicitado nos objetivos. De acordo com Silva (2015, p.83) “a pesquisa bibliográfica objetiva colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, com a finalidade de colaborar na análise de sua pesquisa”. Sendo assim, acreditamos que a investigação bibliográfica e exploratória, sob a perspectiva da hermenêutica filosófica, pode garantir o desenvolvimento significativo do objeto da pesquisa.

Nossa abordagem busca desenvolver compreensões sobre o fenômeno humano que não se reduz a dados de pesquisas estatísticos e quantitativos. A condição humana é evento pleno de manifestações de sentidos. Nossa pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1984. p. 21-22). Para isso, definimos o itinerário do trabalho de investigação a partir de referências bibliográficas que contribuem para atingir os objetivos.

Ainda como referencial teórico e metodológico tomamos a hermenêutica filosófica como modo de entender as possíveis pré-compreensões que existem sobre a condição humana da finitude, os horizontes de compreensões sócio-históricas que podem apontar perspectivas para uma educação reflexiva. Entendemos que a “hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências” (SIDI E CONTE, 2017, p .1945). A compreensão do problema como parte do fenômeno do sujeito, as compreensões das referências adotadas e que novos horizontes podemos vislumbrar é o itinerário do nosso estudo. A condição humana é, ao mesmo tempo, singular e plural, irreduzível aos conceitos que as ciências muitas vezes desejam traçar como verdades definitivas.

Considerando isso, tomamos como referencial teórico, tanto para compreensão sócio-histórica, antropológica e filosófica, as obras de Edgar Morin. A compreensão do fenômeno humano é, dentro da teoria da complexidade, algo que se mostra sob múltiplas facetas, velados

em hábitos humanos e sócio-culturais, em utensílios e arquétipos explícitos e ambíguos, mas plenos de sentidos. A finitude humana, a morte, não é um problema em si, é um enigma humano que pode servir para fins desumanos e pode se tornar chave de abertura do humano para sentidos e valores éticos e educativos de responsabilidade dos sujeitos uns por outros. A educação na sociedade e na escola pode ser um lugar importante para que o humano seja responsável pela vida do outro e do mundo. Só é possível a responsabilidade por si mesmo sendo responsável pelo Outro e pelo Mundo.

2- BUSCANDO OS SENTIDOS SOBRE A FINITUDE HUMANA E A MORTE

A morte permanece intrusa, mas convida a buscar respostas. Pode me convidar ao desespero, mas também pode se elevar à afirmação da esperança que tem seu fundamento no ser eterno. O homem é um ser-para-a-morte e, por conseguinte, as características de finitude e temporalidade são os fundamentos ocultos que marcam a sua trajetória. (PETRAGLIA; BASTOS, 2009. p.24)

Os registros e narrativas de povos antigos demonstram o quanto a morte se faz presente nos mais variados contextos sociais e culturais da humanidade. De certo modo vivemos em busca de certezas e crenças em verdades. Entretanto, o que percebemos é que nas certezas e crenças temos paradoxos importantes: a finitude humana é inevitável, mas isso é posto em situação de velamento ou dissimulação: seja como uma questão a ser considerada no plano das religiosidades e espiritualidades, como se morte e a finitude humana não tivessem lugar para uma compreensão psicossocial e antropológico-educacional. Nesse contexto, os valores que são difundidos pela cultura do capital e do consumo são notáveis: que as preocupações dos sujeitos sociais sejam voltadas para o gozo da existência aqui e agora, o que podemos chamar de hedonismo inconsciente e silêncio da condição da finitude humana. Velamento e dissimulação contrastam, talvez, com medo, temor e pavor do fim da existência. Não há como silenciar a condição humana. A morte é a absoluta certeza que rege a condição humana. A partir dessa percepção a inquietação dos sujeitos parece colocá-los a todo tempo em um modo de recusa da chegada da morte, que na busca de evitá-la deixa de perceber que a incerteza humana pode contribuir para a compreensão do que se trata verdadeiramente viver. A morte é a experiência mais radical da condição humana. É algo que não temos nada a ensinar, mas a aprender do Outro e pelo Outro. Os sentidos da finitude estão em cada ser humano. Mas, os sentidos da morte nos vêm da experiência da morte do Outro. Nesse sentido, a morte é a epifania da condição humana e não pode ser vista ou ensinada fora da condição humana da finitude, na qual se mantém a unidade da vida e da morte (BASTOS, 2009. p.24).

Inicialmente desejamos dizer que não é nossa intenção fazer uma linha de tempo conceitual e epistemológica sobre finitude e morte. Estudos históricos, antropológicos e arqueológicos apresentam inúmeras narrativas e concepções e interpretações que não caberiam aqui. Partimos de um recorte que é uma leitura contemporânea de Morin na obra *O homem e a morte* (1979).

Vale a pena, antes de nos deter no pensamento de Morin, fazer um recorte importante a partir do que a filosofia grega socrática e platônica deixou como legado, o que já é expressão do paradoxo da finitude: vida e morte. Consideremos a vulnerabilidade do corpo e a exaltação da alma imortal. O corpo sensível é a expressão de todas as vulnerabilidades do ser, além de ser um invólucro temporário da alma. Aceita-se a vulnerabilidade do corpo biofísico, mas o tem como mediação. É na vulnerabilidade do corpo que o sujeito pode alcançar o autoconhecimento e entender que é a essência que transcende toda a materialidade. Sócrates, segundo Bastos (2009), entendeu que a morte era uma possibilidade para a libertação do homem em relação ao corpo preso ao mundo sensível. Para ele a morte, além de ser natural por interromper a vida no corpo, é a superação da angústia e do medo, porque torna o homem livre (BASTOS, 2009. p.26). Pensar a morte por esse viés significa o mesmo que compreendê-la como componente importante para o autoconhecimento e para a autossuficiência da alma dos sujeitos. O conhecimento do próprio destino é essencial a vida. “Para os filósofos gregos Sócrates e Platão, a atividade de reflexão era um exercício do morrer. A morte, portanto, é uma libertação para o homem, a libertação da alma”. (PETRAGLIA, BASTOS, 2009. p.23).

Com isso, podemos entender porque a visão antropológica de Morin parte da compreensão de que construímos um entendimento sócio antropológico da condição humana voltado para o paradoxo: a vida é certeza do fim e o fim se abre para certezas que estão além da compreensão. As ciências, como filhas da razão moderna, ainda estão mais preocupadas com as razões biológicas e fisiológicas, com os princípios e métodos, que nos levam aos arquétipos presentes nas concepções da biologia, da psicologia, da arqueologia, da antropologia, da sociologia etc. Sobre os sentidos da finitude e da morte, ou as ciências nada falam ou a inserem nas estruturas e arquétipos simbólicos presentes nas linguagens e utensílios (MORIN, 1976, p. 13). Porém, o cérebro, as linguagens e utensílios não abrangem senão aspectos que apontam para a ruptura da vida pela morte, certeza que todo sujeito humano desenvolve naturalmente em sua existência, na qual a morte é posta entre a vida e renascimento. Esses três elementos estruturais que as ciências adotaram geraram metáforas míticas, processos bióticos fundantes de expressões que apontam para a recusa da morte ou para minorar o traumatismo dela. Essa questão levantada por Morin se desdobra nessa obra em dois pontos que são objetos de reflexão:

o primeiro trata da relação antropobiológica entre o homem e a sua condição para a morte e o segundo aborda o modelo de análise bipolarizado, bipartida, que marca as ideologias que criaram os avatares e crenças em torno da morte-renascimento, o que Morin faz análise da “dupla hélice” (Idem, p. 17-18). Esses dois pontos se cruzam e culminam naquilo que Morin pode chamar de concepção bioantropológica:

[...] basta-me acentuar e levar mais longe a dialética do progressivo – regressivo que exponho neste livro para me encontrar de acordo com a minha convicção de hoje: o homem porque é produto mais evoluído da vida, reencontra nela os princípios iniciais e fundamentais, precisamente ao ultrapassar a esfera nucleo- proteinada na noossociosfera, e é, até ao presente, o ser biótico por excelência.
A morte situa-se exatamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do *anthropos*. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental (MORIN, 1976, p. 16-17).

Dentro da sua compreensão bioantropológica, Morin (1976) inaugura um modo de pensar sobre o ser humano diante do horror da finitude e da morte. O duplo como expressão que vai além dos utensílios (*Homo faber*), da inteligência cortical (*Homo sapiens*) e da linguagem (*Homo loquax*), manifestam o ser humano como ser capaz de elaborar e reelaborar cadeias de sentidos, como forma de recriar ou transmutar a relação indivíduo-espécie-sociedade, como um encadeamento complexo, no qual o mundo natural e cultural não se separam. Daí porque as transferências e as metáforas míticas e processos bióticos se tornam temas fundamentais para ultrapassarmos as brechas da antropologia, considerando a saída do horror, da recusa e do abrandamento da morte para os sentidos que não se separam: vida-morte-renascimento.

Ao longo da obra de Morin, encontramos alguns destaques que ele aponta como povos antigos faziam essa relação. A morte era um evento que não representava o fim de um indivíduo. Os ritos são manifestações de sentidos voltados para o prolongamento da existência. O indivíduo morto continuava presente na vida social, continuava a prolongar a memória da espécie nos vivos. Vejamos um desses destaques:

Os mortos musterianos são enterrados; amontoam-se pedras sobre os seus despojos, cobrindo particularmente o rosto e a cabeça. Mais tarde, parece que o morto é acompanhado pelas suas armas, ossadas, alimentos. O esqueleto é besuntado com uma substância cor de sangue. As pedras funerárias estão lá para proteger o morto dos animais ou para impedir de reaparecer entre os vivos? O cadáver humano já suscita emoções que se socializam em práticas fúnebres e a conservação do cadáver implica um prolongamento da vida. O não abandono dos mortos implica a sua sobrevivência. (MORIN, 1976, p.24-25)

A morte representa nesse contexto uma espécie de extensão da vida e não uma forma de pensar imortalidade da alma. A ideia de imortalidade é bem tardia. Sendo assim, na tentativa de fugir desse fim os homens buscam desde as primeiras sociedades, por maneiras de criar certas representações em redor de suas mortes, como prolongamento temporário ou provisório da vida. Os ritos fúnebres evidenciam a chegada não somente do evento da morte, mas a manifestação de uma compreensão da finitude.

Segundo Morin (2005), a morte, ou melhor, a consciência da morte pode ser entendida como o grande divisor de águas na plena constituição do humano. As evidências de rituais ligadas a ela desde os neandertalenses seriam uma forma de indicar a eclosão da consciência do morrer e de atividades exercidas na tentativa de domesticá-la, isto é, retirá-la do âmbito da natureza e trazê-la para o âmbito da cultura. (BASTOS, 2009. p.44 apud MORIN, 2005)

Um segundo destaque que pode ser considerado na obra *O homem e a morte* (1976) é o que Morin chama de triplo dado antropológico que é tratado na antropologia e, mais tarde, na psicologia: traumatismo da morte associado, consciência do acontecimento da morte e crença na imortalidade. Morin põe em cheque esse dado triplo relacionado nas ciências pelo fato de ser posto sob os vieses do conceito de identidade e perda de identidade do indivíduo na sociedade e na cultura, que, por sua vez alimenta o horror e a dissimulação pela ideia de imortalidade.

As questões que dizem respeito à finitude em nossa sociedade não parecem ser pensadas em sua totalidade. Morin constata que, diante da morte, há muito os indivíduos manifestam um medo da perda da identidade e da história. Isso colabora para que se criem perturbações baseadas sobretudo no pavor que o risco da perda de nossa individualidade nos traz. O medo de nos percebermos enquanto apenas seres que após a morte apodrecerão e virarão apenas uma carcaça como qualquer outro animal, causa muitos desconfortos em relação a pensar os significados que a morte pode ter. “Este horror engloba realidades aparentemente heterogêneas: a dor do funeral, o terror da decomposição do cadáver, a obsessão da morte. Porém, dor, terror e obsessão têm um denominador comum: a perda da individualidade”. (MORIN, 1976. p.31).

Negar a morte em busca de preservar essas individualidades se enquadra enquanto resultado do momento em que homem enxerga a morte como algo contrário ao ato de viver.

É evidente que a obsessão da sobrevivência, muitas vezes em detrimento da vida, revela no homem a preocupação lancinante de conservar a sua individualidade para além da morte. O horror da morte é, portanto, a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou de horror. Sentimento que é o de uma ruptura, de um mal, de uma catástrofe, isto é, sentimento

traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um vácuo, que se cava onde havia plenitude individual, isto é, consciência traumática. (MORIN, 1976. p.32)

A questão de fundo é a afirmação do Eu identitário que está em cena. Por isso o horror da perda de identidade, do sentido da existência e da justificação da imortalidade como subterfúgio. A tarefa de Morin é desconstruir a desfaçatez do discurso identitário que impõe ao sujeito uma condição que não lhe pertence. É por isso que Morin aponta para a saída do triplo antropológico para o duplo bioantropológico, ou seja, para a relação entre a consciência humana da morte e afirmação da individualidade (MORIN, 1976, p. 36).

Quando o sujeito identifica que a morte pode significar o processo de perda da individualidade, busca maneiras para a eternização do ser em uma tentativa de transpassar o fim da vida. Os ritos fúnebres não se colocam apenas como parte de uma ação sanitária: sepultura, velório e enterro são transformados em algo para os que estão presentes. É uma das maneiras que a sociedade aponta como forma de representação do valor moral do corpo. Quando a pessoa morta não é reconhecida como valor passa a ser vista a partir do horror da morte, ali como carcaça, sem individualidade. Para Morin (1976, p.32), “quando o morto não está individualizado, apenas existe indiferença e simples mau cheiro.”

Se nas sociedades arcaicas havia o desejo de domesticar a morte e torná-la parte da cultura dos povos primitivos, na atualidade existe uma busca por ocultá-la, pois cada vez mais nosso contexto evidencia que a morte “não é mais considerada como um fenômeno natural que faz parte da vida, e sim um fracasso, impotência, limitação, por isso deve ser ocultada.” (BASTOS, 2009. p.38). A partir dessa circunstância, vão se criando separações entre viver e morrer. A morte causa pânico e ansiedade aos sujeitos, que começam a buscar maneiras de se distanciarem cada vez mais dela principalmente delegando a outros a responsabilidade de lidar diretamente com a consciência de sua existência, “a consciência da morte passa a ser delegada às instituições, tais como, hospitais, casas de repouso e agências funerárias que procuram pouco a pouco extinguir essa consciência mantendo contato indireto com ela”. (BASTOS, 2009. p.38 apud JUNGEL, 1972).

O homem desde muito cedo produz objetos para o mundo e esses objetos também podem estar ligados às questões da finitude humana, levando em conta que “as determinações e as idades da humanidade são as de seus utensílios”. (MORIN, 1976. p.23). Os utensílios, ou coisas produzidas pelo *Homo Faber* são produtos sociais, que antes tinham outros sentidos, receberam significados econômicos, virando mercadorias, uma vez que prevaleceu a perspectiva mercadológica. Isso não passa pela compreensão de morte a partir de um olhar que proporcione a superação do medo e das angústias, mas que potencializa o sentimento de pavor

e alimenta a busca da imortalidade em uma tentativa de fuga da morte: “as classes dominantes impõem sua forma de morrer, pois a indústria funerária e as pompas fúnebres ditam valores próprios de um contexto capitalista e neoliberal. Pode-se inutilmente prolongar a vida de certos pacientes moribundos a custos altíssimos.” (BASTOS, 2009. p.39 apud ZIEGLER, 1977).

Desse modo, a sociedade dominada pelo viés do capital e do mercado, atribuiu significado a morte com uma conotação fora do sentido da despedida e do prolongamento da memória da individualidade do sujeito. A certeza da finitude não está contemplada e o aspecto afetivo e efetivo da memória é posto de maneira esvaziada de sentidos. Continua a pesar o horror da morte sem a compreensão da finitude e a sublimação da imortalidade nas representações que negam o corpo do outro pela afirmação da objetividade de um produto/mercadoria, que mais se apresentam como um desejo de se livrar do outro morto depositado no mundo dos mortos e involucrado em uma mercadoria. Os produtos fúnebres sempre existiram, mas as mercadorias da morte são estranhas maneiras de lidar com a finitude e a morte humana (PIMENTEL, 2015. p. 90).

Sem pretender um retorno aos valores dados aos utensílios da morte para as culturas tradicionais é interessante confrontar com o que hoje se percebe nas culturas ocidentalizadas. Os povos tradicionais costumam prolongar as despedidas a partir de ritos que emergem de uma relação entre o evento da morte de um indivíduo da comunidade, a superação da dor e da perda, e a busca de religar o espírito da pessoa morta à comunidade. De acordo com Santos (2009), já era possível observar cultos e homenagens aos mortos desde as primeiras comunidades existentes, a partir de evidências de objetos, flores, conchas ou até mesmo alimentos e pedras que poderiam indicar que desde muito cedo havia preocupação humana em relação à morte e o processo de morrer dos indivíduos.

Buscamos até aqui mais do que um entendimento conceitual sobre finitude e a morte em uma das obras de Morin. Apontamos alguns horizontes de sentidos, sabendo que Morin assume uma visão mais complexa e multidisciplinar que exige mudar a rota traçada pelas ciências que não deram conta dessa questão. Finitude é própria condição humana e a morte é a sua culminação, ruptura definitiva entre o ser humano e o mundo, evento inevitável e inegável. Nesse itinerário, de encontrar os horizontes dos sentidos do sujeito diante do inevitável, Morin é mais do que uma inspiração, é uma provocação para a entrada da educação reflexiva nas brechas que as ciências criaram e não conseguiram fechar, alimentando mais ainda a distância entre o humano, o mundo, a razão e a técnica. A educação, enquanto formação para a vida na complexidade, tem muito a fazer como colaboradora da religação do *Anthropos* à *Bios*, à *Physis* e ao *Cosmos* (MORIN, 2013, p. 16), essa totalidade que somos, na qual vivemos e morreremos;

a educação se torna uma das vias de acesso ao humano e ao indefinido infinito do mundo/universo e de todos os seres que ele contém (MORIN, 1976, p. 321; 326-327). A educação escolar, se quer ser uma educação reflexiva que abarca essas relações necessárias do humano com a vida, com o mundo e com todo universo, só tem um caminho: o de ser um projeto de reforma do pensamento.

3- CONDIÇÃO HUMANA COMO PARTE DA EDUCAÇÃO: FINITUDE E MORTE NUMA VISÃO PEDAGÓGICA DA COMPLEXIDADE

Quando observamos pela ótica da complexidade é interessante considerar o que essa perspectiva pode possibilitar para os indivíduos, levando em conta a presença da incerteza, pensar sobre morte pode proporcionar a construção de um olhar que agregue sentido e significado para nossas vivências, onde se reflita não apenas acerca de nosso destino, mas do lugar que ocupamos no universo levando em conta que a morte faz parte da vida.

A morte é um fator educativo do espírito e proporciona ao ser humano uma consciência de si. Ela permite que o sujeito se questione sobre o próprio destino. Ignorar e resistir às questões da morte sem compreender que a vida e a morte estão tecidas juntas num todo complexo é fator de sofrimento aos sujeitos. No entanto, a complexidade nos faz ver a educação como abertura à realidade. Isto significa afirmar que educar comporta riscos, mas também possibilidades (PETRAGLIA, BASTOS, 2009. p.27).

Considerando as lacunas existentes desde o princípio da sociedade no que diz respeito ao refletir sobre a finitude, é comum ignorar as crianças como sujeitos que compreendem e sentem a ausência trazida pela morte, é habitual se imaginar que a criança não deve estar envolvida em questões que contenham essas temáticas, o que pode colaborar para um discurso que diz que infância e morte não devem caminhar juntas, pois a criança não possui ainda capacidade de compreender a perda e conseqüentemente a dor que a acompanha.

Conforme Morin (1976), já existem estudos desde Piaget que demonstram que a partir do momento em que a criança se observa como sujeito e percebe sua individualidade desenvolve medo e resistência à ideia de perdê-la, conseqüentemente medo da morte. Sendo assim, “não considerar o contexto de incertezas que estamos inseridos e silenciar essas temáticas consideradas sensíveis do universo infantil deixa de considerar o potencial educativo que a morte possui, além de prejudicar “o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança” (BASTOS, 2009. p.91 apud TORRES, 1999).

Compreender esse viés a partir da perspectiva da teoria da complexidade auxilia no processo de reflexão de temáticas que estão excluídas do universo infantil implica pensar ações

pedagógicas que ponham essa relação entre a finitude e a complexidade. Isso pode favorecer o entendimento da educação como modo de acolhida da dor do outro, de empatia e de solidariedade. A partir desse olhar, educar tem o sentido de encarar os paradoxos contemplados na relação vida/morte, sem alimentar o horror da morte e ir além das ideologias que estão impregnadas na cultura que tornam a vida sem sentido.

Uma educação sem paradoxos, incapaz de incluir em sua pauta o dilema morte/vida, pode não tocar as profundezas do ser do aprendiz. Daí a necessidade de se buscar o “existir” educacional, e correr o risco da proposição de uma pedagogia do paradoxo, que seja capaz de religar os saberes à vida” (PETRAGLIA, BASTOS. p. 28).

Nessa perspectiva, a finitude humana e a morte são postas como parte da ação educativa, mais do que um tema ou conteúdo, mas como parte da complexidade dentro dos pontos da religação do *Anthropos* com a vida, com os outros viventes, com o mundo e com a totalidade do universo. É a partir daí que podemos compreender a importância de se criar meios para a descoberta da existência como um espaço mais amplo no qual cada sujeito pode se tornar capaz de se deparar com as imprecisões, com as imprevisibilidades da finitude, inclusive com a morte. Isso possibilitará aprendizagens acerca do que é viver, entendendo o lugar de cada um no mundo e o que a finitude significa para nós.

A possibilidade de educar está relacionada às questões de uma abertura à totalidade do real, contudo, só um sistema educativo baseado no espírito da religação e radicalmente diferente daquele da atualidade pode promover uma reforma das mentes e realizar um processo no qual a lógica do paradoxo vida-morte de que fala Morin pode estar presente (BASTOS, 2009. p. 84).

Para melhor se apreender acerca da educação na complexidade, e dentro dela a questão da morte, é interessante destacar os princípios que norteiam a teoria da complexidade como reforma do pensamento.

O primeiro princípio é o sistêmico ou organizacional. Ele indica que existe ligação entre o conhecimento das partes para atingir o conhecimento do todo a partir de uma organização. De acordo com esse princípio “do átomo à estrela, da bactéria ao homem e à sociedade, a organização de um todo produz qualidades ou propriedades novas, em relação às partes consideradas isoladamente: as emergências”. (MORIN, 2003. p.94)

O segundo princípio é o holográfico, responsável pela produção de conhecimentos a partir de uma compreensão das partes para a formação do todo. Desse modo, esse princípio coloca a complexidade como um processo que considera a necessidade de conhecer as partes ao mesmo tempo que existe uma iminência por conhecer o todo, já que o todo só existe graças

a cada pequena parte. A perspectiva hologramática traz que “cada parte remete à totalidade porque na essência de sua estrutura está inscrito o todo” (PETRAGLIA, BASTOS, 2009. p.26).

Em seguida temos o princípio do circuito retroativo, que aponta a relação causa e efeito, onde um age sobre o outro dentro de um sistema de auto-regulação. De acordo com esse princípio existem processos que podem ser de regulação baseados em diversas retroações, por exemplo a homeostase que assegura que os efeitos das variações do ambiente externo sejam mínimos internamente. E o feedback que pode proporcionar a estabilidade de um sistema através da redução de desvios.

Em sua forma positiva, o feedback é um mecanismo amplificador; por exemplo: a violência de um protagonista provoca uma reação violenta, que, por sua vez, provoca uma reação mais violenta ainda. Inflacionárias ou estabilizadoras, são incontáveis as retroações nos fenômenos econômicos, sociais, políticos ou psicológicos. (MORIN, 2003. p.94)

Já o princípio recursivo aponta causas e efeitos, levando ao aprendizado de que um efeito também pode gerar a própria causa. A nível social significa dizer que, ao tempo que os sujeitos produzem as sociedades, estas, à medida que surgem, acabam produzindo aspectos importantes da humanidade desses sujeitos. “O princípio recorrente é o que nega a determinação linear, promove a criação de novos sistemas e pode ser entendido como processo em circuitos, de modo que os efeitos retroagem sobre as causas desencadeadoras” (PETRAGLIA, BASTOS, 20098. P.26).

No princípio da autonomia/dependência (auto-organização), é destacada a relação de dependência dos seres vivos pelo meio ambiente em que estão inseridos para o exercício de sua autonomia. Essa dependência se dá por meio de uma auto-organização dos sujeitos tendo influência de fatores externos.

Como têm necessidade de retirar energia, informação e organização de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável dessa dependência; é por isso que precisam ser concebidos como seres auto-ecoorganizadores. O princípio de auto-organização vale especificamente, é obvio, para os humanos – que desenvolvem sua autonomia na dependência de sua cultura – e para as sociedades – que se desenvolvem na dependência de seu meio geológico. (MORIN, 2003. p.95)

O sexto princípio é o dialógico. Ele aponta para uma relação na qual os sujeitos da educação estão conectados, cada um é uma diferença em relação à outra, que se põem mesma direção, implicados uns aos outros. O diálogo é o modo pelo qual se estabelece a experiência humana de observar, falar, expor, aprender, relacionar, ensinar, alargar compreensões, tecer todos os horizontes de compreensão, superar conflitos e angústias, discutir a realidade etc. A

dialogicidade é abertura para a finitude-infinita do outro e de tudo que nos rodeia. O olhar dialógico dentro do ato de educar é interessante possibilita a partilha daquilo que causa angústia aos sujeitos, questionamentos acerca das incertezas e incompletudes que regem a vida de cada indivíduo. “Trata-se de uma perspectiva dinâmica, em que se acolhe a insuperabilidade dos conflitos, que são também geradores de oportunidades” (PETRAGLIA, BASTOS, 2009. p.25).

O último é o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento que destaca que todo conhecimento é uma interpretação feita de acordo com o momento histórico e cultural que aquele sujeito está inserido.

A partir dessa reflexão, Morin (2003) nos diz que a complexidade, por considerar o indivíduo de maneira multidimensional, auxilia na compreensão das problemáticas humanas como potenciais educativos, já que possui a perspectiva de desencadear possíveis estratégias. A partir de um olhar complexo podemos observar os acontecimentos do cotidiano por um viés estrategista, um olhar que se utilize de reunir o maior número de certezas possível para assim utilizarmos como enfrentamento à incerteza.

As experiências do inacabado, da precariedade e da desproporção estrutural não representam limites para a busca, ao contrário, estes elementos são desafios e por meio deles o ser humano reconhece a necessidade de um projeto para a vida. É necessário, pois, que o educador assuma uma pedagogia do acolhimento da diversidade. Trata-se de uma ação pautada no respeito aos antagonismos e pela aceitação dos conflitos presentes na vida cotidiana do educando (PETRAGLIA, BASTOS, 2009. p.27).

Assim, educar a partir da perspectiva da complexidade auxilia na formação da pessoa de forma a contribuir com a compreensão de que as problemáticas humanas fazem parte de nossa condição enquanto sujeitos finitos. Compreender e enfrentar as interrogações e desafios cotidianos ampara a formação do ser e ensina como exercer a cidadania. A resistência a temáticas de finitude acaba desconsiderando o quanto morte e vida se complementam e encontram juntas dentro de um sistema complexo no qual estamos inseridos.

A complexidade se coloca como possibilidade para uma educação acessível ao todo que a realidade representa. Isso significa afirmar que educar representa riscos, mas também possibilidades, “a disponibilidade do ser humano para aventurar-se no desconhecido, para uma atenção em conhecer o inesperado e para o cultivo da interrogação inteligente, são algumas das características desta epistemologia” (BASTOS, 2009. P. 97-98).

Um olhar para a educação que trate da temática da morte abre a possibilidade de uma educação que, sobretudo, possibilite o aprender com as incertezas, que traga o acolhimento e a escuta para alunos e professores. A morte pode ser um elemento educativo quando provoca e

abre questões sobre a tomada de consciência de quem somos enquanto seres finitos (PETRAGLIA; BASTOS, 2009).

Para se pensar uma educação reflexiva dentro da perspectiva da finitude humana e partindo da teoria da complexidade, é interessante considerar a necessidade de uma ética da alteridade que possua em seus princípios a relação com os outros como elemento formador no processo educativo dos sujeitos, sobretudo a partir das relações sociais, seguindo a compreensão de que somos responsáveis eticamente uns pelos outros, assim como nos diz Veríssimo (2006):

E a tese fundamental de Emmanuel Levinas, o cerne do seu cogito ético: sou responsável pelo outro, pelo próximo, sou responsável pelo seu bem. O egoísmo é, deste modo, recusado e superado. A relação ética é, na sua essência, uma relação altruísta. O outro é, no fim de contas, o próximo. Um próximo assaz próximo: não apenas alguém com quem o homem se cruza na vida, mas alguém que lhe é entregue, que se lhe entrega, a ele em quem se confia plenamente. (VERÍSSIMO, 2006, p.42)

Considerando que a educação se constrói através da relação entre as pessoas, a presença do diálogo auxilia na abertura de espaços de compartilhamento de experiências e conhecimento. A partir desse princípio a ética deve ser uma máxima nesse espaço de relações, uma vez que a alteridade associada as relações sociais, possibilita a construção de uma visão mais humana que se baseia na capacidade de conhecer a si mesmo a partir do reconhecimento da existência do outro por meio de suas singularidades, estando cientes da complexidade em que estamos inseridos.

Quando consideramos a finitude humana sob esse viés, percebemos que só é possível experienciar esse acontecimento a partir da morte do outro. Pela morte do Outro vivemos a perspectiva da alteridade a partir da percepção de uma responsabilidade pelo outro que está diretamente relacionada com nossa subjetividade. A alteridade nos auxilia na percepção de que conviver com o outro nos traz a responsabilidade de existir dentro de um princípio de incerteza. “Sendo assim, agir com alteridade é entender que o que se passa com o outro é algo “que a princípio não me diz respeito, mas que possui um laço subjetivo comigo, na medida em que participo, com aquele agente, de um corpo social maior que nós.”. (VERDIVAL 2020, p.160 apud SILVA; LEITE, 2016, p. 197)

Dentro do contexto da alteridade associada com a percepção de finitude dos sujeitos surge a necessidade de uma educação reflexiva. Refletir sobre a condição dos sujeitos, o lugar que ocupam e sobretudo sua característica finita pode auxiliar não apenas na possibilidade de aprendizagens com significado e troca de experiências, mas na criação de um espaço seguro e de reflexão para que educando e educadores ouçam e compartilhem suas angustias, medos,

curiosidades e incertezas, tirando o lugar de silêncio e possibilitando um espaço de diálogo e ressignificando o que é ensinado pela instituição escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacamos nesse trabalho, a morte é um conceito que se faz presente desde os mais remotos contextos da história de nossa humanidade. Apesar de estar cercada de medo e pavor é possível perceber o quanto ao longo do tempo a finitude humana já está presente a partir de uma percepção do fim da existência dos sujeitos que foi sendo construída. Na busca de fugir dessa percepção de morte e do morrer foram se criando ausências sobretudo no campo da educação.

Na escola não há espaço para se falar sobre morte. Compreendemos que a ausência de uma educação para a morte dentro do espaço escolar implica uma ocultação de um processo natural da vida. Refletir sobre morte a partir da teoria da complexidade que traz a questão da presença da incerteza colabora não apenas na naturalização da morte, mas em uma proposta de reforma do pensamento na busca de um ensino que traga reflexão e proporcione um olhar ético e acolhedor em relação ao outro.

De acordo com Freire (1987, p.39), “(...) ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Dentro dessa perspectiva, um espaço de diálogo que possibilite conhecer as temáticas relacionadas à condição humana desde a infância e por meio da escola pode contribuir significativamente para a formação de indivíduos que compreendam com mais facilidade os contextos de imprecisão que estamos inseridos durante toda nossa vida além de possibilitar a superação de desafios através da reflexão. Ausentar essas temáticas do universo infantil não apenas contribui com a ideia de que a morte é vilã e totalmente contrária a vida, mas possibilita a propagação de medos e inseguranças acerca do ato de conhecer a si mesmo através da abertura para compartilhar as vivências com o outro.

À vista do que observamos no desenvolvimento dessa pesquisa percebemos que, tantos os muitos tabus acerca da temática de morte, tanto a recusa de tratar dessa temática, seja na vida social como na vida escolar, revela a falta de compreensões adequadas e de como abordar pedagogicamente na sala de aula. Sua discussão passa a ser difícil e, por vezes, dolorosa. A prática educativa escolar tem na pedagogia reflexiva uma importante contribuição para o desenvolvimento do diálogo, da acolhida do outro sofrido e da reflexão sobre a condição humana. Se não tivermos oportunidades de refletir sobre isso, seja a partir de eventos concretos,

seja por fazer parte da prática educativa escolar, faz-se necessário repensar a educação e suas práticas, priorizando as bases compreensivas da condição humana e da educação reflexiva na formação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Cláudio Roberto Fontana. “**Viver de morte, morrer de vida” o paradoxo vida-morte na perspectiva da complexidade e suas implicações na educação**”. São Paulo, 2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Revista Direitos Fundamentais e Alteridade, Salvador, v. 4, n. 1, p. 144-165, jan-jun, 2020

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a Morte**. Universidade de São Paulo – Psicologia, Ciência e Profissão, 2005, p 484-497.

MARTINAZZO, Celso José. **Reflexões sobre a natureza humana e a educação escolar**. Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 13, n. 1, p. 55-63, jan./abr. 2010

MINAYO, Maria Cecília S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecilia de Souza Minayo (Organizadora). Petrópolis – RJ. Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. Enfrentar a incerteza. In: _____. (org.). **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. O desafio da complexidade. In: _____. (org.). **Ciência com Consciência**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa-América. Biblioteca universitária, 1976.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PETRAGLIA, Izabel. BASTOS, Cláudio Roberto Fontana. **Morte, Complexidade e Educação**. Notandum Libro - Universidade do Porto, 2009.

PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues. **Morte-mercadoria na sociedade contemporânea: análise dos discursos de negatização e positização da morte no capitalismo**. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2015.

SIDI, Pilar de Moraes. CONTE, Elaine. **A Hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação**. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017.

SILVA, Airton Marques da. **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. rev. – Fortaleza. CE: EDUECE, 2015

VERÍSSIMO, Mário André. Universidade do Porto. **A utopia do saber e a da moral em Edgar Morin e Emmanuel Levinas.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 27, n. 13, p. 28-50, set./dez. 2006.

VERDIVAL, Rafael. **Alteridade como instrumento de preservação da dignidade humana durante a vivência da morte.** Revista Direitos Fundamentais e Alteridade, Salvador, v. 4, n. 1, p. 144-165, jan-jun, 2020

CLARISSE GOMES LEAL

**MORTE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A FINITUDE HUMANA NA
PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE COMO INSTRUMENTO PARA UMA
EDUCAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo
científico, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 05/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelio Vieira de Melo (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Manuel Bandeira dos Santos Neto (Examinador 1)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Luiz Gustavo Mendel Souza (Examinador 2)

Universidade Federal de Pernambuco